

Lisboa: Marcelo Rebelo de Sousa entregou a Ordem da Liberdade à comunidade da Capela do Rato

[agencia.ecclesia.pt/portal/lisboa-marcelo-rebelo-de-sousa-entregou-a-ordem-da-liberdade-a-comunidade-da-capela-do-rato/](https://www.agencia.ecclesia.pt/portal/lisboa-marcelo-rebelo-de-sousa-entregou-a-ordem-da-liberdade-a-comunidade-da-capela-do-rato/)

15 de dezembro de 2022

Presidente da República recordou que a vigília realizada naquele local há 50 anos representou “um momento de certidão de óbito do marcelismo”



Foto: Agência ECCLESIA/LFS

Lisboa, 15 dez 2022 (Ecclesia) – O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, entregou, esta quarta-feira, a Ordem da Liberdade à comunidade da Capela do Rato, em Lisboa, por representar “aquilo que foi num momento histórico determinante para o percurso de conquista de liberdade”.

“A vigília na Capela do Rato representou um momento de certidão de óbito do marcelismo”, disse Marcelo Rebelo de Sousa na iniciativa, realizada esta quarta-feira, na Capela do Rato, em Lisboa, e que teve como tema “O Caso da Capela do Rato”.

Por iniciativa de um grupo de católicos, a 30 de dezembro de 1972 organizou-se uma vigília de 48 horas com o objetivo de refletir sobre a paz e sobre a guerra nas colónias, à qual aderiram também não-católicos e este encontro acabaria por ser interrompido pelas forças policiais, resultando em mais de uma dezena de detenções e na demissão dos funcionários públicos presentes.

O ano de 1972 foi “decisivo” por era notório a “incapacidade de resolver minimamente qualquer dos problemas fundamentais para o país”, sublinhou o Presidente da República.

“O primeiro era a guerra colonial e o segundo, ligado a esse, era a democratização e o terceiro era, obviamente, a transformação económica e social”, apontou.

O assassinato do estudante Ribeiro dos Santos por um agente da polícia política devido à sua oposição ao regime ditatorial e a vigília da Capela do Rato “são certidões de óbito”, mas a última “tem um efeito brutal por causa da ligação entre uma parte da Igreja católica e a ditadura”, reforçou Marcelo Rebelo de Sousa.

As tensões que alguns setores da Igreja atravessavam “ganham uma dimensão potenciada e imparável” e a nota do Patriarca de Lisboa “denota isso mesmo”.

O Presidente da República recordou também os seus tempos de estudante e as reuniões, “durante muitos anos”, com o padre Alberto Neto, a “voz mais sonante” da Capela do Rato.

Em comunidade, o padre Alberto Neto deu expressão, “entre os anos 60 e 70, ao sentido da comunidade”, frisou o Presidente da República.

No dia 14 de dezembro, na Capela do Rato foi descerrada uma placa comemorativa dos 50 anos da vigília da paz e realizou-se uma conversa sobre o tema com o testemunho de Jorge Wemans, Isabel do Carmo e um texto de Francisco Cordovil, lido por Nuno Estevão, e moderada por António Marujo.

Esta quinta-feira, a Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, acolhe a Mesa Redonda «A Paz é Possível. A vigília da Capela do Rato 50 anos depois: história e memória», moderada por Paulo Fontes, com os historiadores António Matos Ferreira, António Araújo, João Miguel Almeida e Rita Almeida de Carvalho.

Durante este mês, a Estrutura de Missão dos 50 Anos do 25 de Abril assinala meio século passado sobre a Vigília da Capela do Rato, em Lisboa, com uma mostra expositiva, conversas e um colóquio.

A Comissão Organizadora destas iniciativas é composta por Jorge Wemans, António Araújo, Paulo Fontes, Nuno Estêvão Ferreira, Ângela Barreto Xavier e pela Estrutura de Missão para as Comemorações do Quinquagésimo Aniversário da Revolução de 25 de Abril de 1974.

LFS

Tags: [Diocese de Lisboa](#), [Direitos humanos](#)